

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

A MODA E A HISTÓRIA: O VESTUÁRIO FEMININO NO PERIÓDICO “A ESTAÇÃO: JORNAL ILUSTRADO PARA A FAMÍLIA” (1879- 1904)

Franciela Ritter Blanck

Mestranda no programa
de Pós-Graduação em História.

142152@upf.br

Resumo: O periódico “*A Estação: Jornal Ilustrado para a Família*” tem suas publicações traduzidas para o português a partir de 1879 com publicações quinzenais, pela casa tipográfica Lombaerts no Rio de Janeiro. A revista, através de textos e um vasto número de ilustrações, retratava a moda parisiense, complementando os conteúdos com as novas tendências de vestuários de outras partes da Europa. Além disso, a publicação trazia sugestões de bordados, manualidades, moldes de roupas, acessórios além de se propor a ajudar as leitoras com adaptações das novidades que ali chegavam para o clima tropical brasileiro. Considerando a fonte citada acima, o objetivo da pesquisa é investigar os conteúdos de moda ali retratados, relacionando com os elementos históricos do período da Belle Époque (1870-1914) e, analisar como tais conteúdos repercutem na construção de referências, tanto estéticas quanto morais, para a mulher brasileira.

Palavra-chave: Periódico a Estação; moda; século XIX.

A Moda é um fenômeno tão intenso e interdisciplinar, com uma bagagem de conhecimento esplendorosa e significativa que tornou-se um estudo necessário para o entendimento de uma compreensão de comportamentos históricos sociais de todos os

[1] . Mestranda no Programa de Pós-Graduação em História da Universidade de Passo Fundo/RS. Bolsista pela Fundação Universidade de Passo Fundo.

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

períodos da história. O seu surgimento revela muitos questionamentos e inúmeras respostas. Diversos autores abordam uma perspectiva de datas diferentes, no entanto muito próximas e parecidas. A idade média torna-se palco principal para o nascimento da moda, e um entrecruzamento de diversos estudiosos. Para Riello a moda teve origem no decorrer dos séculos XV e XVI, embora tenha assumido somente mais tarde as características da moda moderna, é interpretada ou entendida como uma forma das mudanças do vestuário ao longo do tempo. (RIELLO, 2012, p. 11) Onde inicialmente essas mudanças ocorreram durante o século XIV quando a silhueta masculina começa a diferenciar-se da feminina. Pois até então homens e mulheres tinham vestimentas semelhantes. Riello também trás uma análise da moda que vai além de uma descrição dos trajes. Para o autor, a moda é um processo de individualização e de socialização; um meio de diferenciar-se dos outros, uma forma de representação e de mobilidade social, e a relação entre consumo e produção, e por fim, um meio de diferenciação de gênero e idade. (RIELLO, 2012, p 7-8).

Ante todo, la diferenciación de género en la indumentaria sigue siendo una característica distintiva de la moda y las relaciones entre los sexos hasta la actualidad: hombre y mujeres no solo son biológicamente distintos, sino que reafirman su diferencia física, psicológica y sexual a través de su ropa. (RIELLO, 2012, p. 15)

Lipovetsky aponta também um surgimento da moda só a partir da Idade Média é possível reconhecer a ordem própria da moda, a moda como sistema, com suas metamorfoses incessantes, seus movimentos bruscos, suas extravagâncias. A renovação das formas se torna um valor mundano, a fantasia exhibe seus artifícios e seus exageros na alta sociedade, a inconstância em matéria de formas e ornamentações já não é exceção, mas regra permanente: a moda nasceu. (LIPOVETSKY, 1996, p. 23).

O termo Moda e o seu significado nos permite explorar várias definições revelando um caráter dinâmico e contextos riquíssimos referentes a vários aspectos da vida social. Com o termo moda, tens em sua essência uma experiência das aparências, de estética, pertencendo a um fenômeno social de mudanças cíclicas de costumes e hábitos, de decisões e gostos e costumes. (CALANCA; 2011, p 11).

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

O vestuário torna-se o principal setor pertencente à moda. Com seu significado que vai além de cobrir-se, comparado a uma segunda pele. A veste nos permite conhecer além de nós mesmos. é possível conhecer o outro. Além disso, entrelaça a ele um outro elemento importantíssimo: o corpo. Através da veste coloca-se em jogo uma certa significação do corpo, da pessoa. Torna o corpo significante. No momento em que o corpo é revestido pela vestimenta ele se transforma, uma transformação com inúmeros significados entre eles o religioso, o estético e também o psicológico. Então tudo o que tem por finalidade cobrir um corpo, são as formas onde o permite com que o corpo se relaciona entre si e com o mundo externo. São os modos pelos quais o indivíduo se relaciona com o outro, com o mundo. (CALANCA; 2011, p. 16-17).

Desde seu surgimento e no momento em que a moda se torna sistema, as transfigurações que acontecem em cada século são recheadas de mudanças comportamentais refletindo diretamente no vestuário. Não trata-se apenas de relacionar a moda com o mimetismo, quando com a ascendência da burguesia na era dos costumes nasce o desejo de parecer nobre, e então surge uma constante movimentação de inspirar-se, copiar, torna-se semelhante e como necessidade de afirmação e superioridade a aristocracia se reinventa, se modifica e esse ciclo torna-se mais rápido e cíclico. Esses conceitos fazem parte da história da moda, mas não podemos limitá-la somente a isso. Para a Historiadora Juliana Schmitt citada por Debom, trás uma reflexão além desse pensamento limitador da história da moda. Para a autora a moda surge sim na passagem da Idade Média para a moderna através de um elemento articulador entre o ser individual e a coletividade; como uma maneira, mesmo que limitada, de construir identidades particulares baseadas na escolha e no gosto pessoal. (DEBOM, 2016, p.20).

Entre gostos e escolhas, parecer, individualismo, coletividade, vestimentas, costumes, cultura, a moda foi se movendo e ganhando novos ares no passar dos séculos, e então entramos no século XIX, espaço tempo definido nesta pesquisa. Após fazer uma breve consideração sobre a moda, lembrando que sua contextualização vai muito além disso, direcionamos agora nosso olhar para esse século, tão inspirador e repleto de conteúdos relevantes para o conhecimento da história da moda. Primeiramente farei uma análise dos comportamentos femininos, dos corpos, da mulher como alvo da

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

imprensa especializadas em disseminar a moda, e relatar todas as novidades vinda da França, indo além de um estudo que baseia-se apenas no estudo dos trajes. Iremos além disso. Afinal existia todo um contexto cultural, social, econômico, refletindo e transfigurando na indumentária.

A problemática da pesquisa é voltada em descobrir através do periódico *A Estação* as vestimentas apresentadas nos periódicos escolhidos e tecer um panorama para entender o que era moda e o que estava sendo utilizado pelas mulheres de uma classe elitizada. Com um recorte analisando as publicações do final do século XIX 1898,1899 e as primeiras publicações do século XX, 1900. Para isso foram analisados dois periódicos de cada ano definido, para assim desenvolver as respostas para a problemática definida.

Como as mudanças da moda ligam-se a transformações mais vastas e completas, do modo de ser, sentir e pensar de uma sociedade, o verdadeiro significado da sua franca adoção nos escapa. [...] mostramos até onde a aceitação ou rejeição dos valores estéticos dependeu das condições sociais. Pois se o estudo dos trajes sempre será possível através dos baixos-relevos, das iluminuras e tapeçarias medievais, dos desenhos e da pintura a partir do século XV. estas informações só podem ser aceitas com alguma reserva. Em qualquer dos casos teremos que levar em conta o temperamento do artista, que muitas vezes deforma realidade, o feito do tempo, as cores, a dificuldade de precisar as datas, que torna a identificação das épocas muito laboriosas. [...] As mudanças da moda dependem da cultura e dos ideais de uma época. (SOUZA, 2019, p. 24-23).

As mulheres foram deixadas as atividades sedentárias uma vida segregada, votada na maternidade, ao lar. A concepção do feminino e masculino afeta a estrutura social, divisão do trabalho, refletindo nos costumes, na moral, na vestimenta. Segundo Thomas, de um lado tens uma moral masculina contratual: ligados ao comércio, políticas e atividades profissionais. De outro lado uma moral feminina, relacionada com a pessoa e os hábitos do corpo e ditada por um único objetivo, agradar aos homens. Sendo acentuado pela vestimenta (SOUZA, 2019, p. 58).

O surgimento de periódicos especializados para o público feminino se deu devido a mudanças de comportamentos das mulheres durante o período oitocentista, entre outros fatores. No entanto, no final do século a elas foi exigido mais uma tarefa a

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

ser cumprida com o máximo de perfeição possível saber comprar as mercadorias que surgiam por causa da revolução industrial. (MONTELEONE, 2019). Monteleone em seu artigo ressalta: “Segundo Veblen: quanto mais arrumada e “na moda” ao mostrar-se em sociedade a mulher se apresentasse melhor seria o status do marido e da família.” (MONTELEONE,2019)

No século XIX a vestimenta da mulher é enriquecida de rendas, bordados e fitas, babados, exageros e excessos, a vestimenta masculina se despoja até o ascetismo. Pelos motivos que a roupa masculina perdera, no século XIX, sua função ornamental, deixando de ser uma arma de sedução erótica. Pois ela deixou de ter importância excessiva na competição social Esse distanciamento vai ser enfatizado pelas formas, cor e tecidos. (SOUZA, 2019, p. 59, 73, 80).

Os desejos masculinos sobre o corpo das mulheres eram representados nas pinturas, as partes mais atraentes da mulher era representado nas imagens, como por exemplo, a partir de determinada época no século XIX elas começaram a ser retratadas de costas, dando ênfase nas nádegas, em função disso nota-se essas formas sendo representadas nas roupas femininas. O corpo feminino sendo esculpido pelo olhar masculino. Os pintores retratavam de acordo com suas preferências ou fantasias, justificando o redesenho feminino por meio da roupa, que propõe, ou ainda, amplia áreas do corpo feminino, áreas estas valorizadas também no nu.

O vestuário era uma mediação do toque, um artifício usado pelas mulheres de se ter uma aproximação do sexo masculino, sem perder o seu devido respeito. (XIMENES, 2009,p.75)

A roupa ocupa papel fundamental na comunicação subjetiva reprimida, pois é por meio dela que existe um diálogo da mulher com o mundo exterior. Proporcionando que a mulher através da vestimenta fosse percebida no mundo. Percebe-se ao mesmo tempo a figura da mulher vestida tanto como sujeito como objeto.(XIMENES, 2009, 42.)

Outra possibilidade para compreender o corpo feminino vestido da época: pode-se entendê-lo como paisagem visual, vislumbre para a contemplação e estímulo às fantasias masculinas. A mulher evidencia e amplia em seu corpo as referências de seu

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

papel de progenitora, decorrente das formas arredondadas dadas ao seu quadril e traseiro, remontando as ancestrais representações da mulher de ancas enormes que de fato simbolizavam fertilidade. (XIMENES,2009, p. 45).

A roupa é entendida como elemento que nutre a atração entre os sexos e apresenta subsídios formais, espaciais, cromáticos para as preferências que serão desenhadas nas telas, retratadas na fotografia e construídas nos vestidos. (XIMENES, 2009, p.72)

Gilda de Mello traz uma descrição das formas das vestimentas femininas do século XIX. Entre 1870 Com trajes muito elaborados, tens a parte das costas acentuada e a parte frontal reta. O interesse se volta nas costas, penteados em cascatas de chutes, ondulations e cauda. Em 1884 a anquinha é atirada para cima, assim como os cabelos, e a frente do vestido torna-se quase rígida. A evolução da forma feminina de encerra ai. E em 1890 revive linhas gerais da silhueta de 1830: realçando mangas, cintura fina, tendo na virada do seculo e principios do século XX uma nova variação da silhueta tubular, agora colante, transformando a mulher num milagre de curvas. (SOUZA, 2019, p.67)

As cores em meados do século são contrastantes, indo até em 1890. Um vestido apresenta várias cores. Tens uma mistura exagerada de tons e de tecidos. Os tecidos para os homens usa-se um grupo de tecidos e para as mulheres outro. Para as mulheres: Batista, musselina, tarlatana, organdi, veludo, seda adamascada, brocados, tafetás cambiantes, gorgorão, cetim. Linho - e-seda e da lã -e-seda nos vestidos de ruas mais simples. Trajes de gala: brocados de ouro e de prata com flores coloridas, gaze “cristalizada”, tarlatanas palhetadas de ouro, tules debruados de guirlandas.(SOUZA, 2019, p. 68, 69)

A Estação usou a cultura visual, entendida como os recursos imagéticos, a fim de proporcionar a circulação de ideias e de cultura material relativa a comportamentos, gostos e modas, e figurinos, a cultura e também a técnicas de construção de roupas, muito necessárias para a produção das vestimentas utilizadas nessa época.

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

A cultura visual, muito utilizada pelos Lombaerts incorporando: vestuário-imagem, vestuário-escrito e vestuário-real esses categorizados por Roland Barthes. O vestuário imagem atinge vários tipos de representação plástica: o figurino, o desenho técnico e os moldes, muito necessários na construção de roupas. O vestuário real terceira categoria de Barthes, é aquele produzido em algum ateliê parisiense, passou pelo processo de ser desenhado e depois impresso no jornal consequentemente influenciando um outro sendo confeccionado em outro local, por exemplo, em ateliê ou residência. (NOVAIS,2020,p. 85)

Para Novais entende que a “cultura visual será uma linguagem que permitirá a comunicação dos conteúdos de moda para além dos textos escritos, favorecendo a rede de circulação de ideias e de cultura material, europeias e norte americanas, estruturadas em uma organização político-econômica transnacional.” (NOVAIS,2020,P.96)

Poder entender o formato de uma roupa através da revista, entender as descrições detalhadas sobre cada elemento pertencente a esse objeto, a imagem vem para proporcionar a leitora uma compreensão e visualização mais fidedigna com a imagem real. Esse entrelaçamento de imagem e texto permite às leitoras terem um vislumbre e consequentemente o desejo em adquirir aquela peça de roupa, onde a cultura material está presente.

Durante o século XIX muitas revistas surgiram, e entrando para o final do século a revista que vai nortear esse estudo “A estação: Jornal Ilustrado para a Família” no Rio De Janeiro por Jean Baptiste Lombaerts e Henry Gustave Lombaets (1879-1904). Entre 1872 e 1878 Lombaerts revendiam essas publicações no Brasil e junto ao jornal era acompanhado de um manual de costura. Chamado *Tratado de costura vinculado A Estação*. (NOVAIS,2020,P.94)

Foi somente em 15 de janeiro de 1879 que o livreiro e tipógrafo passou a editar uma versão brasileira, chamada A estação: Jornal Ilustrado para a Família, que noticiava a moda europeia, com a novidade de trazer uma seção nacional dedicada à literatura, por onde passaram nomes famosos, como Machado de Assis. Além disso, a revista era um cardápio rico de sugestões de

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

bordados, manualidade, molde de roupas e acessórios femininos em geral.
(COSTA, 2007, p.249)

A Estação é uma das revistas de Lipperheide, sendo uma empresa de publicações alemã onde tinha colaborações com várias editoras, em diversos países da Europa e das Américas. Sendo então publicada agora já com uma edição na versão brasileira em 1879 pela editora brasileira Lombaerts. Seu público-alvo eram principalmente as mulheres casadas pertencentes à classe comercial em ascensão e uma classe elitizada e principalmente alfabetizada. (ORSI, 2020, p. 71).

A moda que perpetuou no final do século XIX era conhecida por belle époque de 1870 à 1914. Um período marcado por muitas mudanças e norteador desta pesquisa. Stevenson relata que entre 1870 ao início dos anos 1900, a silhueta foi tendo várias mudanças das primeiras anquinhas, que refletiam as formas das saias sustentadas por panniers do século XVIII, para as saias mais longas e justas com uma cauda, e depois para o exagerado busto único eduardiano e a silhueta em forma de S, suportando uma profusão de adornos. (STEVENSON, 2012. P64). Este autor descreve vários elementos que construíram a moda na virada do milênio. O surgimento da Anquinha. Os calçados sofreram também variações sendo usados com salto alto. Notava-se a presença de vestidos cortados em duas estampas vivamente coloridas. Para complementar os vestuários lindos chapéus pequeninos, empoleirados sobre enormes coques de cachos. Corpete couraça, mangas renascença talhada, manga presunto, saia evasê, cintura vespa, espartilho em S, boás de plumas, golas altas sustentadas por barbatanas, decote profundo. Saia em formato de sino. (STEVENSON, 2012,P.67.68.71.73).

Luiz Edmundo citado por (BRAGA; PRADO,2011,P.36) descreve sobre as vestimentas femininas daquela época no Brasil “[...]saias compridas, amplas, mostram cinturinhas de marimbondo, os traseiros em tufos, ressaltados por coletes de barbatanas de ferro.[...] dos leques, indispensáveis como complemento de uma *toilette*, das *mittaines*, dos chapéus enormes, cheios de plumas, fitas, flores, frutos e fivelas.

Na capa da 1º edição da revista (figura 1), abre com um texto “Aos nossos leitores” descrevendo sobre suas propostas as leitoras entre elas: “promessas de suas

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

leitoras reduzirem despesas sem perderem sua elegância, como também adaptações das novidades parisienses ao clima do Rio. Com uma leitura muito bem escolhida com o que a de melhor da França, Bélgica, Inglaterra, Alemanha, além de fornecer uma consultoria local quinzenalmente, com dicas e ajustes.” (COSTA, 2007, P.250). No centro da pagina tem uma ilustração com duas mulheres e embaixo da imagem uma descrição e uma numeração “1 e 2 Vestuário para mau tempo”. A descrição deste vestuário acontecerá na página dois.



Figura 1 – Capa de A Estação, n. 1, 1879, p. 1. Fonte: Hemeroteca Digital

Nas páginas dessa edição e das outras edições analisadas são preenchidas com textos descritivos e uma linguagem de fácil entendimento com explicações muito detalhistas (CARLOS, 2007, P.250) e muitas sugestões de figurinos para cada ocasião do dia. Tornando-se uma revista indispensável para estar bem informada sobre as últimas modas europeias.

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

assustão. A senhoras cuidadosas que guardaram os seus corpinhos antigos, jaquetas compridas, sobrecasacas terão sortimento de novidades, sendo suficiente fazer alguns arranjos bem faceis para ficarem á ultima moda.” (A Estação, Nº1. 1998). BN digital, hemeroteca)

Com dicas de adaptações de roupas que com o passar dos meses e virada de anos, sendo assim consideradas peças de modas passadas, o jornal revela um interesse em auxiliar suas leitoras como tornar uma peça antiga fora de moda, em uma peça de roupa atual e moderna, não é necessário comprar novas roupas, mas tendo conhecimento e dicas assertivas pode-se usufruir novamente uma roupa. As próximas páginas são preenchidas com gravuras de trajes para diversas ocasiões. Todas as peças, aviamentos e objetos representados no jornal são acompanhados de um texto explicativo detalhado explicando o tipo de tecido, a cor utilizada, as medidas e dicas. Encontra-se na revista: vestido de baile, trajes para passeio, capas para vestidos, paletós, vestidos para meninas de 5 a 7 anos. Tapetes com bordado de flores para mesa, cestas bordadas com ponto de alinhavo Gobelin, para chaves, entre tantos outros itens domésticos.

O vestuário tem uma forma predominante: os ombros são amplos, tendo sua forma aumentada por ombreiras, seguido com mangas mais ajustadas, cintura mais estreita e saia sino. As anquinhas são muito sutis, mas ainda assim presentes. Os tecidos citados no jornal variam muito encontra-se tecidos de lã, lã listradas, seda, renda, pele, couro, cassa de lã, cashmere, sarja de seda, chamalote, veludo, seda da Índia, gaze de seda entre outros, As cores também são das mais variadas, azul escuro, azul e verde, azul celeste, amarelo, rosa, lilas etc. E claro não se pode deixar de perceber os detalhes e a forma como as indumentárias são compostas em um único vestido és “semeado de flôresinhas, guarnecido com concheados de crêpe molle branco”. E então vemos os mais exuberantes e trabalhosos vestidos dos mais finos tecidos e acabamentos, recheados de bordados, com rendas, pregas, fitas, flores, botões, uma mulher de uma classe elitizada querendo demonstrar sua beleza, poder, e seu desejo de tornar-se motivos de olhares e atenções.

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021



Figura 3: A estação. N°11. 15 de julho de 1899.

A figura três é a capa de julho de 1899, o último ano do século XIX próximo da virada do milênio, com quatro trajes diferentes dos mais variados tecidos, cores. O primeiro da esquerda para direita: 1. Bomeira para viagem, com ombros justos. Chápeo redondo enfeitado com pennas selvagens. 2. Vestido com plastão e rebusto. 3. Guardapó ou capa de viagem com serpentina e mangas largas. Chápeo de viagem enfeitado com pennas selvagens. 4. Vestido de “Organdy” com aba adaptada.” A descrição desses trajes serão nas paginas 83. Anterior a isso tens a “Cronica de Moda” falando sobre as tendências de moda “E para variar é sempre a mesma coisa! Esta-se preparando lindas capinhas que com certeza obterão grande êxito;é a facha comprida "Directoire" o elegante mantelete do décimo oitavo século, com as pontas todas guarnecidas com rendas e concheados miudinhos” (A Estação, 1899, p.82). Em seguida fala das noivas, dos tecidos e detalhes que deve-se usar, onde muitos enfeites não se comparam ao mais simples modelo ser mais lindo. A forma princesa é a mais elegante, tecido de setim de

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

seda as mulheres com maiores fortunas, aconselhando as noivas ricas a bordarem seus vestidos com cravos brancos ou orquideas, formando grandes galhos com efeito deslumbrante. as meninas do mundo elegantes aparecem terem adotados cor de rosa claro para os vestidos e dando também como característica do periódico dicas para a produção dos vestidos. Seguindo uma rotina mostra-se indumentárias para várias ocasiões, com trajes de diferentes idades, modelos, cores e tecidos, propagandas e por fim a parte literária do jornal.

Finalizando o primeiro ano do século XX. O primeiro periódico lançado no novo ano e novo século. 1900.



Figura: 4. A Estação. N°1. 1900.

As mudanças na vestimenta na virada do século revelam mudanças nas mangas anteriormente os ombros eram fofos com pregas e franzidos na manga mais ajustada, agora a moda é ter mangas feitas em duas ou três partes. Na sessão “Cronicas de Moda” Inicialmente fala sobre os trajes utilizados em lutos e logo em seguida nessa nova tendência de moda das mangas. “O tipo consiste numa manga estreita e lisa , na parte de cima, alargando a partir do cotovelo até a metade do antebraço. D’ahi surge um fôfo até

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

o punho, fixo acima da mão sob um enfeite de renda ou fita.” (A Estação, nº1. 1900, p. 178). Vestido Império, as saias tem poucas mudanças, e com a permanência das anquinhas.

Considerações finais

Assim sendo a moda usual no século XIX vinda da França e Inglaterra adentrou o Brasil por sua prestigiosa relevância, por serem países com avanços tecnológicos expressivos comparados a outros países como o Brasil, a situação do país demonstrava que a existência de indústrias têxteis era escassa, a importação tornou-se o principal artifício da moda e formas de vestir-se. (BRAGA; PRADO, 2011) Os jornais especializados para as mulheres eram recursos midiáticos primordiais da época. (ASSUNCAO; ITALIANO, 2018).

O próprio vestuário teve mudanças significativas no final do século oitocentista, muito visíveis na revista, podemos ver padrões de moda da belle époque daquela época na revista A Estação.

A roupa era (como continuou sendo), acima de tudo, uma forma de estratificação e um código de pertencimento de grupos sociais. (PRADO; BRAGA, 2011, PAG.27)

Notava-se uma necessidade de trocar de roupas constantemente durante o dia, para cada ocasião era usado um estilo de roupa, a revista Jornal Ilustrado para a Família traz inúmeras sugestões de como as mulheres devem se vestir em todas as ocasiões que encontram no seu dia a dia. Lembrando que esse estilo de vida somente as famílias com um poder econômico elevado podiam usufruir.

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

Esse jornal também dava sugestões de adaptações das roupas que ali eram demonstradas pelos motivos que aqui chegavam à moda de inverno que estava acontecendo na Europa, porém chegava ao verão do Brasil. Uma forma de estar na moda de acordo com o clima do país. (ASSUNCAO; ITALIANO, 2018, P.243,244).

A Estação foi um periódico importantíssimo para uma época que exigia bons costumes, comportamentos e o desejo de estar sempre na moda europeia. Um jornal que nos permite estudar, e entender um tempo, uma história, modos, modas e costumes de uma época deslumbrante em beleza.

História é território que vai além de interesses comerciais; é essencial ao desenvolvimento cultural e ao reconhecimento da identidade de indivíduos, regiões e nações; permite lastrear a compreensão do que somos, assim como balizar as escolhas e os rumos tomados. (PRADO; BRAGA, 2011, P.7)

É importante o desenvolver de estudos e pesquisas sobre todos os acontecimentos históricos no mundo da moda, com o intuito de trazer sempre um olhar diferente como também um pensamento e opinião sobre todos os períodos que já aconteceram, fazendo assim uma análise diversificada sobre o tema. É necessário sempre estarmos nos aprofundando mais em todos os assuntos que envolvem a moda, pois sempre tiramos proveitos e aprendizados únicos que levamos conosco. Pesquisar e estudar esse tema, é trazer de volta o passado com um olhar do presente, é mantermos sempre viva a nossa história, é mantê-la conosco, é revivê-la com a intenção de nos aprimorarmos mais nos conhecimentos que fizeram parte da nossa evolução e transformação.

Pode-se destacar as tendências europeias apresentadas nesta revista, e os elementos de moda do período definido como Belle Époque propagou um estilo de vida vinculado à moda da Europa. A cultura visual permitiu uma propagação e acesso dos conteúdos publicados permitindo que esse jornal fosse visto, analisado e chegasse à mão de muitas brasileiras das classes elitizadas. A presença de figuras desse periódico permitia que mulheres de outras classes sociais que não tinham uma educação formal também desfrutassem dessa revista como referência de moda.

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

Referências bibliográficas.

MONTELEONE, Joana. MODA, CONSUMO E GÊNERO NA CORTE DE D. PEDRO II (RIO DE JANEIRO 1840-1889). **Rev. Hist. (São Paulo)**, São Paulo, n. 178, a06017, 2019.

ASSUNCAO, Beatriz Alvarez de; ITALIANO, Isabel Cristina. Moda e vestuário nos periódicos femininos brasileiros do século XIX. **Rev. Inst. Estud. Bras.**, São Paulo, n. 71, p. 232-251, set. 2018.

SVENDSEN, Lars. Moda: uma filosofia. Tradução: Maria Luiza X. de A. Borges. Zahar. 2010.

CALANCA, Daniela. História social da moda. 2ª edição. São Paulo. Editora Senac São Paulo, 2011.

Stevenson, N.J. Cronologia da Moda: de Maria Antonieta a Alexandre McQueen; tradução Maria Luiza X. de A. Borges. Rio de Janeiro: Zahar. 2012.

PRADO, L.A.DO. História da moda no Brasil. Das influências às autorreferências/ Luís André do Prado e João Braga. 2.ª ED. Barueri, SP: DISAI, 2011.

COSTA, Carlos Roberto da. **A revista no Brasil, o século XIX**. 2007. Tese (Doutorado em Teoria e Pesquisa em Comunicação) - Escola de Comunicações e Artes, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2007. doi:10.11606/T.27.2007.tde-24042009-152705.

ORSI, Vivian. **A Estação: considerações sobre a moda e seu léxico no século XIX no Brasil**. Revista Linguagem em Foco, v.12, n.3, 2020. p. 67-88.

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

RIELLO, Giorgio. **Breve historia de la moda. Desde la Edad Media hasta la actualidad.**Ed. Laterza, 2012.

DEBOM, Paulo. **Moda: nascimento, conceito e história.** Revista Veredas da História, v.11, n2, p.7-25.

XIMENES, Maria Alice. **Moda e arte na reinvenção do corpo feminino do século XIX,** São Paulo: Estação de Letras e Cores , 2009.

Jornais

A Estação: jornal ilustrado para a família (1879-1904). BNDigital – Biblioteca Nacional Digital do Brasil.